

REPRESENTAÇÕES DE DOCENTES ACERCA DA DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR SEXO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MAURO LOUZADA

Secretaria Estadual de Educação (SEE-RJ)

SEBASTIÃO VOTRE

Universidade Gama Filho (UGF)

E-mail: sebastianovotre@yahoo.com

FABIANO DEVIDE

Universidade Salgado de Oliveira (Universo) e

Centro Universitário Augusto Motta (Unisuam)

E-mail: fabianopriesdevide@mailbr.com.br

RESUMO

Este estudo de caso tem como objetivo identificar as representações de professores¹ de educação física de um colégio público do estado do Rio de Janeiro acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas. Na coleta, utilizamos uma entrevista em grupo, a observação participante e dissertações e teses sobre a temática. As representações dos professores são que aulas com turmas mistas se mostram socializantes, desfavorecem o confronto e a manifestação das diferenças de habilidade motora e força e que aulas com turmas separadas por sexo priorizam o desempenho e são esportivizadas. Nas turmas flexibilizadas, uma parte da aula é mista e outra é separada por sexo. Os resultados do estudo sugerem superar a dicotomia misto/separado e valorizar outros critérios para a distribuição dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física; gênero; aula mista e separada.

1. Utilizamos os termos docente e professor no sentido lato ou estrito, quanto ao gênero; atribuímos ao contexto o papel desambiguador, quando tal for relevante.

INTRODUÇÃO

O foco deste trabalho é a distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física. Um tópico polêmico, sem unanimidade sobre a alternativa de ensino com uma ou outra forma de distribuição. Na literatura, encontram-se vantagens e desvantagens tanto para turmas mistas como para turmas separadas por sexo. Quanto às turmas mistas, seriam mais socializantes, englobariam mais conteúdos, melhorariam o relacionamento intersexo e preparariam para a vida em sociedade. Quanto às turmas separadas, favoreceriam a aptidão física e o treinamento. Meninos e meninas se sentiriam com mais liberdade para fazer aula. Os docentes apresentariam mais conteúdos que vão ao encontro dos interesses dos alunos, com aulas motivantes e reforço nas identidades masculina e feminina.

Na história da educação física no Brasil, encontramos um tratamento variável para meninos e meninas nas aulas. Assim, em 1882, a reforma do ensino primário sugeria atividades físicas diferenciadas para meninos e meninas (SOARES, 1994). Após a Segunda Guerra Mundial, o método de educação física desportiva generalizada passou a predominar na educação física recomendando a separação de meninos e meninas para um melhor andamento das aulas, que tinham como objetivos o rendimento e a aptidão física. Em 1971, a legislação federal fez menção à separação dos alunos por sexo de forma explícita, com o decreto n. 69.450, de 1º de novembro de 1971, que em seu artigo 5, item 3, legitimava as turmas separadas por sexo, recomendando “quanto à disposição das turmas, cinqüenta alunos do mesmo sexo, preferencialmente selecionados por nível de aptidão física” (BRASIL, 1971). A partir da década de 1980, surgiram novas propostas de pesquisadores da área (BRACHT, 1992). Nos anos de 1990, acentuou-se o debate sobre a dicotomia misto/separado, com tendência em defender as turmas mistas. É no contexto favorável às aulas mistas que o presente estudo se desenvolve.

Este trabalho caracteriza-se como um estudo de caso, de caráter etnográfico, implementado num colégio estadual localizado em um município da região serrana do estado do Rio de Janeiro. O intuito é ampliar a discussão sobre a distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física, contribuir para superação da dicotomia entre aulas mistas e aulas separadas por sexo e trazer para o cenário da educação física outras alternativas de distribuição dos alunos, além da organização/divisão por sexo. A questão ou problema central da pesquisa é: quais são as representações de docentes de educação física acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas? Para contemplar o objetivo e dar conta das representações sobre distribuição, elaboramos as seguintes questões: quais as representações de professores e professoras de educação física sobre a distribuição dos alunos por sexo nas aulas?;

quais as atitudes e intervenções dos docentes durante as aulas no que diz respeito a essa distribuição?

Eis o perfil dos informantes, com nomes fictícios: Ana, 32 anos, Bia, 49 e Carla, 56, têm respectivamente 7, 25 e 38 anos de magistério, graduadas, e lecionam há 7, 15 e 10 anos no colégio. Todas lecionam para o ensino fundamental. Rivaldo, 30 anos, Amândio, 36 e Rogério, 57, têm menos experiência no magistério. O primeiro leciona há cinco anos, o segundo há apenas um ano, enquanto o último o faz há 38 anos, 10 no colégio. Todos são graduados em educação física.

Trabalhamos com entrevista em grupo focal composto por seis docentes de educação física do ensino fundamental, três professores e três professoras, com a análise de três teses de doutorado e sete dissertações de mestrado e com dados da observação participante (BECKER, 1997; MINAYO, 1995). Como suporte teórico-metodológico de análise, utilizamos os referenciais da análise do conteúdo (BARDIN, 1977; MINAYO, 1995; FRANCO, 2003), da teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 1978), da teoria de gênero (LOURO, 2001; MEYER, 2003) e dos pressupostos da co-educação (SARAVA, 1999; KUNZ, 2002).

Compulsamos dissertações de mestrado e as teses de doutorado produzidas entre 1990 e 2004, relacionadas com o objeto da pesquisa. Analisamos a entrevista com os docentes em grupo focal, selecionando as respostas que representaram um maior consenso, assim como os dissensos identificados no discurso. Por fim, levamos em conta os dados da observação participante, para chegar a uma primeira aproximação das representações de docentes sobre a distribuição dos alunos por sexo.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A pesquisa foi implementada em 2005, num contexto pedagógico no qual, como já dissemos, a educação física nacional tende a ser favorável às turmas mistas. Além disso, na escola por nós pesquisada, a orientação oficial é para que se trabalhe com turmas mistas. A escola está em consonância com os padrões atuais de distribuição dos alunos com base no sexo. Entre os referenciais que sugerem o trabalho com turmas mistas, destacamos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998) que na página 42 asseveram:

As aulas mistas de educação física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir, de forma estereotipada, as relações sociais autoritárias.

Esse documento, que é distribuído nas escolas públicas, serve de elemento norteador para muitos professores em suas práticas pedagógicas. Da mesma forma, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (BRASIL, 1996) orienta o magistério propondo, no ensino fundamental, a formação básica do cidadão mediante algumas recomendações, entre as quais: “O fortalecimento [...] dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social” (p. 32).

Passemos à análise dos dados. Num primeiro momento, os trabalhos de mestrado e doutorado, que possuem relação direta ou indireta com o objeto de nossa pesquisa. Em seguida, o discurso do grupo focal e os registros da observação participante. A relação dos trabalhos é a seguinte: Romero, 1990; Abreu, 1990; Saraiva-Kunz, 1993; Sousa, 1994; Oliveira, 1996; Ferreira, 1996; Altmann, 1998; Verbena, 2001; Duarte, 2003; Pereira, 2004. Os trabalhos trazem para a educação física as questões de gênero que emergem nas aulas, os estereótipos presentes nas características biológicas associadas ao sexo, os conteúdos discriminados para meninos e meninas e a discriminação. Os trabalhos defendem explicitamente as turmas mistas, bem como alertam para um novo contexto na educação física, em que as aulas com turmas separadas por sexo são contestadas e as mistas são defendidas. É exceção e demonstra um avanço inicial a dissertação de Helena Altmann (1998), que considera a possibilidade de variação nas formas de organização dos alunos por sexo.

Os trabalhos não representam consenso da literatura, pois Durand-Delvigne e Duru-Bellat (2003) encontram resultados desfavoráveis para as aulas mistas, em que as meninas tenderiam a subestimar suas potencialidades, inibidas pela presença dos meninos. Os autores permitem concluir que o trabalho misto em alguns momentos pode ser mais indicado, mas quando se colocam meninos e meninas para jogar esportes de contato, seria melhor que jogassem em turmas separadas. Existem também abordagens pedagógicas que favorecem o trabalho com esportes de contato com turmas mistas.

Na maioria dos trabalhos resenhados, os autores afirmam encontrarem resistência por parte dos professores e alunos para a organização das turmas mistas. O mesmo se verifica noutros estudos: depois de vários anos em que turmas mistas vêm sendo oferecidas aos professores pelas escolas, Louzada e Devidé (2004) encontram propostas dos alunos do ensino médio a favor das turmas separadas por sexo. As meninas justificam a turma separada devido ao fato de os meninos serem brutos e as discriminarem; enquanto para os meninos, a justificativa é que em turmas separadas a intensidade da aula é maior. É possível propor outros critérios para distribuir os alunos, de acordo com as circunstâncias. Poderíamos pensar em variáveis como habilidade, interesse, altura, números da chamada, em ímpares e pares,

e idade. Entretanto, o critério absoluto tem sido sexo, e com não poucas razões para sua eleição.

A análise dos dados da entrevista em grupo focal e dos registros da observação participante permitiu-nos identificar pontos de consenso e dissenso, que passamos a apresentar e comentar. Os membros do corpo docente afirmam que possuem autonomia para distribuir os alunos, apesar do contexto favorável às turmas mistas. A opção pela forma de organização varia de acordo com os objetivos da aula, nível de desempenho dos alunos de ambos os sexos, grau de força física, faixa etária e interesses específicos dos meninos e das meninas. Os docentes optam ora por turmas separadas, ora por turmas mistas, e mais raramente por turmas flexibilizadas que alternam, numa mesma aula, as duas formas, conforme se ilustra no depoimento seguinte, de Ana:

Olha, normalmente eu começo junto. Aí, durante a aula de repente separo. Têm os meninos e as meninas, depois eu junto novamente. [...]. Tem hora que dá pra separar. Na hora que chega no jogo eu boto os meninos com as meninas, depois eu deixo um tempo só os meninos, porque realmente eles precisam gastar aquela energia que eles têm. As meninas não ficam, ficam doidas pra parar.

Sobre a alternância no trabalho, ora com turmas mistas ora com turmas separadas por sexo, na pesquisa de Ferreira (1996) lê-se que essa atitude flutuante do docente confirma uma ausência de postura co-educativa. Já Altmann (1998, p. 103) se mostra favorável à alternância: “a postura assumida pela educação física não precisa ser mais rígida do que as dos estudantes, de forma que a união e a separação de meninos e meninas possa variar dependendo das circunstâncias e da atividade realizada”. Em certas aulas ou partes de aulas os informantes trabalham com turmas mistas, ou com turmas separadas. Nas turmas mistas são mais indicados os conteúdos não esportivos, o que se ilustra na fala de Rivaldo: “Eu optei por não dividir, por não ver necessidade, até porque eu não dou modalidade esportiva nas minhas aulas”.

Nós não nos posicionamos de forma polarizada antes as formas de organização das turmas por sexo. Propomos não ser a radicalização o melhor caminho, visto que ambas as formas de organização trazem vantagens e desvantagens aos alunos. O trabalho exclusivo com turmas mistas impede o confronto físico, em que o objetivo é a vitória nos jogos, um dos aspectos que atrai o aluno na aula. A alternativa de aulas com turmas mistas pode ser ativada em muitos momentos, mas não ser exclusiva.

A diferença de força física tem sido considerada um fator de desequilíbrio entre meninos e meninas nas turmas mistas, quando o conteúdo é esporte (ROMERO,

1990; SARAIVA-KUNZ, 1993; VERBENA, 2001; DUARTE, 2003). Entendemos, contudo, que alguns conteúdos esportivos como futsal, basquetebol, handebol, que são esportes de contato, podem ser trabalhados com turmas mistas, desde que o docente não priorize o rendimento. Algumas tendências, como a da cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992) ou a crítico-emancipatória (KUNZ, 1994) favorecem o trabalho misto independentemente do conteúdo, com o argumento de que favorecem a socialização. Alguns docentes, a exemplo de Amândio, acolhem essa hipótese: “Olha, eu geralmente escolho pela turma mista. [...], fica mais fácil até a socialização desses alunos”.

Dependendo do objetivo da aula, é viável o trabalho com turma mista. A melhoria no relacionamento intersexo, segundo Saraiva-Kunz (1993), pode ser obtida com o debate sobre a temática. Situações de conflitos e discriminação envolvendo meninos e meninas podem ser atenuadas com a discussão franca, com orientação do docente, que favorece o espírito de cooperação e de solidariedade. O professor Amândio afirma que nas turmas separadas o grupo fica mais homogêneo e ocorre menos discriminação: “Uma vantagem que eu vejo nas turmas separadas, a discriminação fica menor e ficam mais equiparadas as equipes”.

Na análise dos trabalhos de Ferreira (1996) e Verbena (2001) constatamos que as meninas são discriminadas em turmas mistas. Por uma série de fatores, é de se esperar que elas sejam em parte prejudicadas quando estão fazendo aulas com os meninos. As diferenças de força, resistência, agilidade e de habilidade têm favorecido os meninos no confronto com as meninas. Um outro fator que interfere, quando as meninas estão fazendo aula com os meninos, segundo Andrade e Devides (2006) relacionado a gênero, é a auto-exclusão das meninas nas aulas de educação física.

A habilidade motora, segundo a professora Ana, é o principal motivo para formação de turmas separadas: “Os meninos são mais habilidosos que as meninas, [...]. Então tem que ensinar para as meninas, porque os meninos a gente não precisa ensinar, já vêm prontos. Então em alguns momentos nós separamos”. A diferença de habilidade motora entre meninos e meninas leva-os a ingressarem na escola com um nível de habilidade superior ao das meninas. Em alguns casos, é necessário que o docente busque equacionar essa situação. Para alguns autores (ROMERO, 1990; SARAIVA-KUNZ, 1993; VERBENA, 2001; DUARTE, 2003), torna-se difícil o trabalho misto com o esporte, devido a este configurar-se em uma área de domínio masculino. Ao longo da história, as mulheres têm encontrado reservas para a prática de atividades físicas e esportivas. De acordo com Devides (2005), essas reservas podem ser de ordem médica, alegando que a mulher possui um corpo frágil; de ordem psicológica, alegando que elas não suportam o estresse da competição; e por fim de ordem estética, alegando que a atividade física e esportiva poderia masculinizá-las.

Nas aulas de educação física é preciso que os professores, no trato com as meninas, evitem o preconceito de generalizá-las como sem habilidade, pois existem meninas hábeis assim como existem meninos sem habilidade. De acordo com Scott (2005, p. 190): “O elevado senso de identificação que surge com a redução de um indivíduo a uma categoria é, ao mesmo tempo, devastador e embriagador. Como objeto de discriminação, alguém é transformado em um estereótipo”.

No geral, os professores consideram as meninas como inferiores aos meninos no que se refere às habilidades motoras aplicadas às atividades físico-esportivas; no entanto, encontramos nas escolas muitas meninas com desempenho motor melhor nos esportes do que alguns meninos. Dado que a habilidade é parcialmente inata e parcialmente adquirida, dependendo, entre outros fatores, das oportunidades que são oferecidas às crianças, cabe oferecer oportunidades iguais a todos os alunos, independentemente do sexo. Os professores também afirmam que ocorre uma melhoria sensível no andamento de algumas atividades e, sobretudo, no alcance dos objetivos de rendimento, quando se trabalha só com meninos, ou só com meninas, conforme se ilustra no depoimento de Ana: “Se você for montar uma turma com o objetivo simplesmente de treinar habilidade motora, ensinar o futsal, por exemplo, evidentemente que em turmas separadas você vai ter um rendimento muito melhor”.

Quando o objetivo for *performance*, é viável a separação dos alunos por sexo. Embora a escola não tenha como função preparar atletas, entendemos que em alguns momentos, o docente poderá desenvolver um treinamento para alguma competição escolar ou separar os meninos das meninas para ensinar alguns exercícios que se identifiquem mais com os meninos e outros exercícios que se identifiquem mais com as meninas.

Passemos aos dissensos do grupo focal: a professora Ana mostrou-se preocupada em desenvolver o respeito entre meninas e meninos. Ela em seu discurso destaca a necessidade de debater com os alunos a importância do bom relacionamento entre meninos e meninas. Com essa postura, a professora mostra estar em consonância com alguns dos pressupostos da co-educação (SARAIVA-KUNZ, 1993) que propõe estratégias no sentido de minimizar as situações de conflito e discriminação entre meninos e meninas. A professora Bia utiliza as turmas mistas para fazer com que meninos passem suas experiências às meninas; dessa forma, a professora valoriza o que os meninos sabem mais do que as meninas para promover a socialização de conhecimentos. O gesto da professora é louvável, mas – parece-nos – o docente não deverá privilegiar essa atitude, pois quebra com a dinâmica da aula. Antes, em alguns momentos, Bia poderá utilizar alunos para auxiliar outros a aprenderem o conteúdo, mas a aula de educação física possui uma característica marcante que é a dinamicidade.

Resultaram algumas constantes da observação participante: foram observadas vinte e uma aulas, sendo nove com turmas mistas, uma com turma separada, três com turmas flexibilizadas, em que a aula iniciava com turma mista e depois a aula continuava com turma separada por sexo; e oito aulas livres, nas quais os meninos, na sua maioria, jogavam futsal, e alguns meninos e meninas jogavam voleibol. Esse contexto contribuiu para constataremos que na escola pesquisada não existe uma forma padrão de distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física. No trabalho de campo esperava-se observar aulas com turmas mistas ou separadas por sexo; deparamo-nos, em algumas aulas, com uma terceira forma, flexibilizada, de distribuição dos alunos por sexo. Essas aulas se iniciavam com turmas mistas e, em seguida, o docente formava turmas separadas, ou dava-se o fluxo inverso. Essa constatação confirma, como já foi dito, o discurso da professora Bia: “Olha, normalmente eu começo junto. Aí, durante a aula, de repente separo. Têm os meninos e as meninas, depois eu junto novamente”. Ferreira (1996) encontrou esse quadro de aulas flexibilizadas em suas observações: algumas aulas a que assistiu eram constituídas por uma parte mista e outra parte separada por sexo. Com essa atitude, o docente variava a distribuição dos alunos numa mesma aula e explorava os benefícios das atividades feitas com meninos e meninas juntos e os benefícios das atividades feitas com meninos e meninas separados.

No que tange aos conteúdos, predominam atividades esportivas com bola. Conforme Ferreira (1996) e Altmann (1998), quando as aulas eram mistas, meninas ficavam em desvantagem. Entendemos que os conteúdos esportivos com bola, quando acontecem os confrontos, dificultam as meninas. Portanto, somos a favor de que os professores utilizem outros conteúdos em suas aulas, visando a adesão de meninos e meninas quando o docente desejar trabalhar com turmas mistas. Nas aulas livres, constituídas de turmas separadas por sexo e turmas mistas na mesma aula, as meninas, mais do que os meninos tendem a serem excluídas ou a se auto-excluírem, o que confirma Durand-Delvigne e Duru-Bellat (2003, p. 104): “Nos primeiros níveis de ensino, as práticas não diretivas tendem a dar aos meninos ainda mais oportunidades de ocupar o terreno e empurrar as meninas para as periferias”. Andrade e Devidé (2006) encontraram outros resultados para a exclusão e auto-exclusão das meninas, como falta de habilidade e desprazer com os esportes, banheiros inadequados para trocar de roupa e tomar banho, além de aulas chatas, repetitivas e desorganizadas.

Vejamos agora alguns conflitos registrados na observação participante: Ana foi a única professora que trabalhou sempre com turmas mistas; preocupada com a participação das meninas, mudando as regras para aumentar a participação delas, acabava deixando de lado alguns meninos menos habilidosos. Segundo Altmann

(1998), a atitude do docente focalizado na participação das meninas através da adaptação de regras, pode acabar impedindo meninos menos hábeis de participar, além de caracterizar uma “dupla exclusão”, que tende a evidenciar as diferenças e as desvantagens das meninas em relação aos meninos no que diz respeito ao desempenho, em modalidades como o futsal. A professora Carla, das cinco aulas observadas, ministrou quatro aulas livres, em que os alunos se separavam por sexo, habilidade motora e atividade. Ela fornecia o material para meninos e meninas e permanecia sentada, ao lado da quadra, supervisionando-os e intervindo quando havia algum desentendimento entre os alunos, ou alguma solicitação deles.

Sobre as aulas livres na educação física, Dias (2005, p. 128) posiciona-se a favor dessa alternativa de organização da aula, afirmando que “A escola a todo tempo exige dos alunos um ‘refinamento de atitudes’”. Ele propõe que, nessa modalidade de aula, o docente atenda aos desejos dos alunos, pois é importante que os alunos tenham esse tempo de lazer, preguiça e improdutividade. Nós somos favoráveis a uma flexibilização de alternativas nas aulas de educação física. Consideramos a possibilidade de em alguns momentos, o docente oferecer liberdade aos alunos para organizarem suas atividades com que quiserem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na escola estudada, as representações dos professores sobre a distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física são flexíveis, mostrando-se, a partir do discurso e da observação participante, contextualmente influenciadas, pela formação dos professores, pelo projeto político-pedagógico da escola, pelo planejamento da educação física, pela realidade estrutural e pela história de vida dos alunos com as práticas corporais. Os professores representam a distribuição dos alunos por sexo para turmas mistas como socializantes e de pouco confronto físico, enquanto as turmas separadas por sexo são vistas como esportivizadas, promotoras de treinamento, equilibradas quanto à força, habilidade motora, resistência e interesse. Os professores com turmas mistas tendem a apresentar dificuldades devido às diferenças biológicas e histórico-culturais entre meninos e meninas.

Sobre as formas de distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física, identificamos uma predominância das turmas mistas e das aulas livres. Quando os professores deixam os alunos livres para fazerem o que querem, esses tendem a separar-se por sexo. Os professores ora trabalham com turmas mistas, ora deixam os alunos livres, o que acaba gerando a separação de alunos por sexo e habilidade motora.

Constatamos que os professores naturalizam as diferenças de gênero, embora se esforcem em compreender as causas histórico-culturais das diferenças de desempenho e habilidade motora entre meninos e meninas. Dessa forma, permanecem com uma postura conservadora ante a identidade e diferença, tanto no trabalho com turmas mistas, quanto com turmas separadas por sexo, tendendo a reproduzir como “naturais” as diferenças entre meninos e meninas construídas no contexto da cultura. A distribuição dos alunos por sexo deve dar-se em consonância com os objetivos propostos dentro do planejamento da área e do projeto político-pedagógico da escola, que deve problematizar as ações de meninos e meninas e favorecer a igualdade de oportunidades a todos em relação à prática das atividades físico-esportivas. Concordamos com Saraiva, Andrade e Devede, acima referidos, que defendem uma postura co-educativa problematizando questões de gênero e buscam um equilíbrio entre os conteúdos preferidos pelos meninos e os preferidos pelas meninas.

Para fins de orientação didático-metodológica e apoio ao docente, sistematizamos algumas orientações sobre a distribuição dos alunos nas aulas: optar pela forma de distribuição dos alunos, de acordo com objetivos, conteúdos, interesses dos alunos, sexo e nível de habilidade motora; no caso de o docente optar pelas turmas mistas, priorizar conteúdos que agradem tanto meninos como meninas; caso deseje inserir um conteúdo que provoca resistência por parte dos meninos ou das meninas, discutir os preconceitos que dificultam o aprendizado, com postura co-educativa; nas turmas mistas, quando o conteúdo ensinado se identificar mais com meninos ou com meninas, aproveitar os meninos ou as meninas para auxiliarem na aula; assim, se o conteúdo for futsal, os meninos podem auxiliar as meninas, e se o conteúdo for a dança, as meninas podem auxiliar os meninos; no caso de o docente decidir modificar as regras para aumentar a participação de meninos ou meninas, tal modificação deve favorecer a inclusão de todos; quando trabalhar com turmas separadas por sexo, deve aproveitar os conteúdos de interesse de cada sexo. Esperamos, portanto, que o docente trate os alunos como indivíduos, mas sem esquecer as interações de sexo gênero a que estão referidos.

Teachers' representations of the distribution of students
by sex in Physical Education classes

ABSTRACT: The goal of this case study is to identify how physical education teachers at a public school in the State of Rio de Janeiro represent the distribution of students by sex in

(continua)

physical education classes. We worked with focal group interviews and participant observation as well as theses and dissertations on the topic. According to these teachers, mixed classes favor socialization and discourage conflict and the manifestation of differences in motor skill and strength, while sex- separated classes place priority on performance and reflect "sportization". In the case of "flexibilized classes", teachers combine both types of organization. The results suggest that we should seek to overcome binary divisions and look for other criteria for distributing students.

KEY WORDS: Physical Education; gender; co-educational; sex- separated classes.

Representaciones de docentes sobre la distribución de alumnos por sexo en clases de educación física

RESUMEN: Este estudio de caso tiene como objetivo identificar las representaciones de profesores de educación física de un colegio público del Estado de Río de Janeiro sobre la distribución por sexo de los alumnos en las clases. Para obtener los datos, utilizamos entrevista en grupo, hicimos observación participativa, consultamos disertaciones y tesis sobre la temática. Las representaciones de los profesores muestran que clases con grupos masculinos y femeninos se muestran socializantes, no es favorecido el conflicto y tampoco hay la manifestación de las diferencias de habilidad motora y de fuerza entre ellos. Además de eso, el estudio muestra que clases con grupos separados por sexo priorizan el desempeño y son deportivos. En grupos flexibilizados, una parte de la clase es mixta y otra es separada por sexo. Los resultados sugieren que se supere la dicotomía mixto/separado y que se valore a otros criterios para la distribución de los alumnos.

PALABRAS CLAVES: Educación física; género; clase mixta/separada.

REFERÊNCIAS

ABREU, N. G. *Meninos pra cá, meninas pra lá*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1990.

ALTMANN, H. *Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ANDRADE, E. B; DEVIDE, F. Auto-exclusão nas aulas de educação física escolar: representações de alunas do Ensino Médio sob enfoque de gênero. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA-FIEP 21, 2006, Foz do Iguaçu. *Boletim da Federação Internacional de Educação Física*. Foz do Iguaçu, 2006. v. 76, p. 318-322.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECKER, H. S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRACHT, W. *Educação física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRASIL. Decreto n. 69.450, de 1º de novembro de 1971. In: *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 2 nov. 1971.

_____. Lei 9.394, de 20.12.96, estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: *Diário Oficial da União*, Ano CXXXIV, n. 248, 23 dez. 1996, p. 27.833-27.841.

_____. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Educação física. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

DEVIDE, F. *Gênero e mulheres no esporte*: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí: Unijuí, 2005.

DIAS, C. A. G. “Coabagem filosófica”: funções e significados da “aula livre” na escola. In: ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 2005, Niterói. *Anais...* Niterói: UFF, 2005. v. 1, p. 125-128.

DUARTE, C. P. *O discurso de escolares adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

DURAND-DELVIGNE, A; DURU-BELLAT, M. Co-educação e construção do gênero. In: MARUANI, M; HIRATA, H. (Orgs.). *Homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: SENAC, 2003. p. 101-110.

FERREIRA, J. L. *As relações de gênero nas aulas de educação física*: um estudo de caso em uma escola pública de Campina Grande. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, João Pessoa, 1996.

FRANCO, M. L. P. B. *Análise do conteúdo*. Brasília: Plano Editora, 2003.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

KUNZ, E. *Transformações didático-pedagógicas do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.

_____. (Org.). *Didática da educação física*. v. 2, Ijuí: Unijuí, 2002.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação*: uma perspectiva pós-estruturalista. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

LOUZADA, M; DEVIDE, F. Representações sociais de discentes sobre aulas de educação física escolar mistas e separadas por sexo. In: ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 2004, Niterói. *Anais...* Niterói: UFF, 2004. v.1, p.322-327.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e prática*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA, G. K. *Aulas de educação física para turmas mistas ou separadas por sexo*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

PEREIRA, S. A. *O sexismo nas aulas de educação física: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

ROMERO, E. *Estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

SARAIVA-KUNZ, M. C. S. *Quando a diferença é mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

SARAIVA, M. C. *Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí: Unijuí, 1999.

SCOTT, J. W. O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005.

SOARES, C. L. *Educação física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.

SOUSA, E. S. *Meninos à marcha! Meninas, à sombra!* A história do ensino da educação física em Belo Horizonte (1987-1994). Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

VERBENA, E. C. G. *Esporte e gênero: representações entre estudantes da rede pública municipal de Juiz de Fora*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2001.

Recebido: 30 maio 2006

Aprovado: 31 ago. 2006

Endereço para correspondência
Mauro Louzada de Jesus
Rua Heitor de Moura Estevão, 471/202 – Várzea
Teresópolis - RJ
CEP 25953-090